

ANÁLISE DA MACRO E MICROESTRUTURA DE DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS BILÍNGUES: UMA PROPOSTA TERMINOLÓGICA

Analysis of the macro and microstructure of dictionaries and bilingual glossaries: a terminological proposal

Patrícia Tuxi¹

Eduardo Felipe Felten²

RESUMO

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais – LS –, em especial nos estudos da Terminografia desenvolvidos no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – Centro Lexterm – e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras –, da Universidade de Brasília. Tem como proposta discutir algumas questões sobre a organização das estruturas que compõem os dicionários e glossá-

ABSTRACT

This paper is part of the Lexical and Terminology of Sign Language (LS) line of research, especially in the studies of Terminology, developed at the Center for Lexical and Terminological Studies – Centro Lexterm – and at the Laboratory of Sign Language Linguistics – LabLibras –, in the University of Brasília. It has the proposal to discuss some questions

¹ Professora Adjunta no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, do Instituto de Letras – IL, na Universidade de Brasília, – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil; ptuxiinterprete@gmail.com.

² Professor Assistente no Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP, do Instituto de Letras – IL, na Universidade de Brasília – UnB, Brasília, Distrito Federal, Brasil; eduardofelten.unb@gmail.com.

rios bilíngues-Língua Portuguesa-LP – e Língua de Sinais Brasileira-LSB. Esta pesquisa se propõe, ainda, a analisar obras lexicográficas e terminográficas de obras bilíngues e, a partir de algumas reflexões advindas dessas análises, apresentamos uma proposta de macroestrutura e microestrutura para dicionários e glossários bilíngues par linguístico – LSB e LP. Pois, segundo Felten (2016) e Tuxi (2017) estas obras apresentam macroestruturas e microestruturas diferenciadas na forma de registro do termo, Língua Portuguesa, e do sinal-termo, língua de sinais.

about the organization of the structures that make up the dictionaries and bilingual glossaries – Portuguese Language – LP and Brazilian Sign Language – LSB. This research also proposes to analyze lexicographic and terminographic works of bilingual works and, based on some reflections from these analyzes, we present a proposal of macrostructure and microstructure for dictionaries and bilingual linguistics glossaries – LSB and LP. Because, according to Felten (2016) and Tuxi (2017), these works present macrostructures and microstructures differentiated in the form of registration of the term, Portuguese language, and sign-term, sign language.

PALAVRAS-CHAVE

Lexicografia; Terminologia; Macroestrutura; Microestrutura; Língua de Sinais Brasileira.

KEYWORDS

Lexicography; Terminology; Macrostructure; Microstructure; Sign Language of Brazil.

Introdução

Atualmente a Língua de Sinais Brasileira – LSB – está presente nos mais diversos espaços sociais. A partir da Lei 10.436/2002³ e do Decreto 5.626/2005⁴, o contexto de uso da língua aumentou e a necessidade de organizar o léxico e a regra de funcionalidade tornaram-se fundamentais. De acordo com Faulstich (2010, p. 168), “as línguas são por natureza, sistemas de representação, regidas por palavras e regras. Nesse caso, o melhor lugar de representar o que pensam os povos que falam uma língua é um dicionário”. Dessa forma, o dicionário pode ser elucidado como a forma de registro e de organização do pensamento de um

³ Lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como meio legal de comunicação e expressão das comunidades de pessoas surdas do Brasil.

⁴ Decreto que regulamenta a Lei 10.436/2002.

povo, no qual é possível compreender seus valores e costumes diante de uma sociedade. As línguas de sinais, assim como as línguas orais, são, por natureza, sistemas de representação regidas por sinais e regras, portanto, possuem dicionários.

Segundo Tuxi (2017) a elaboração de dicionários, glossários e vocabulários no contexto da LSB aumentou consideravelmente na última década. Dentre os motivos desse crescimento a autora destaca: i) reflexo da política linguística da língua de sinais, que está em constante movimento de validação social no Brasil; ii) lacuna lexical e terminológica na esfera do discurso comum e de especialidade em LSB, principalmente nos ambientes educacionais, de segurança e de saúde; iii) escassez de materiais específicos e estruturados para consulta em LS e iv) aumento das pesquisas realizadas no âmbito da Linguística, em especial, na área de Lexicologia e Terminologia.

Este trabalho, que se insere na linha de pesquisa Léxico e Terminologia das Línguas de Sinais – LS –, em especial nos estudos da Terminografia, desenvolvidos no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos – CentroLex-term – e no Laboratório de Linguística de Língua de Sinais – LabLibras –, da Universidade de Brasília, tem como proposta discutir algumas questões sobre a organização das estruturas que compõem os dicionários e glossários bilíngues – Língua Portuguesa – LP – e Língua de Sinais Brasileira – LSB.

Para alcançar o objetivo, esta pesquisa propõe-se a apresentar análises de obras lexicográficas e terminográficas bilíngues e a partir de algumas reflexões expor uma proposta de macroestrutura e microestrutura para dicionários e glossários bilíngues par linguístico – LSB e LP. Pois segundo Tuxi (2017) essas obras apresentam macroestruturas e microestruturas diferenciadas na forma de registro do termo, LP e do sinal- termo, língua de sinais.

1. As macroestruturas e as microestruturas de obras Lexicográficas e Terminográficas na LSB

A macroestrutura de um dicionário ou glossário exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta. A macroestrutura abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro. Para Barros (2004, p. 151) a macroestrutura corresponde “à organização interna da obra, composta de todas as

informações pertinentes aos verbetes e sua organização”. Faulstich (2010), por sua vez, destaca que a macroestrutura – também conhecida como paralexigrafia – envolve toda a obra desde a introdução, os anexos, a bibliografia e, caso existam, as ilustrações, fotos ou mapas. Neste presente trabalho, a macroestrutura é entendida como o conjunto de informações e identificação de um glossário constituído de elementos que indicam a forma de registro, bem como sua organização.

Nas obras em LS, a macroestrutura é comumente registrada pela LO na forma escrita. Isso ocorre em virtude de grande parte dos dicionários serem impressos sem a duplicação em mídia de formato digital⁵. Porém, sem o formato digital, a educação lexicográfica apresentada por Castro Junior (2014) não se concretiza na primeira língua do surdo, caso os requisitos de registro e de organização de obras desse porte não forem atendidos em mídia digital.

A microestrutura, por seu turno, simboliza o verbete, isto é, a parte terminográfica do glossário que contém as informações gramaticais e lexicais dos termos, em cuja composição estão a entrada, a categoria gramatical, a definição, o contexto e a nota, entre outras informações que se fizerem necessárias. Logo, a microestrutura é o verbete pronto (FAULSTICH, 1995).

Ademais, é na microestrutura que se desenrola a organização dos dados. Para Faulstich (1995, p. 23), o conjunto de informações que estrutura cada verbete do glossário deve ser descrito, nas fichas terminológicas, de acordo com o objetivo do Terminógrafo”. Por conseguinte, a autora descreve ainda os respectivos campos composicionais, a saber:

Verbete = + entrada + categoria gramatical (+ - substantivo, + - sintagma terminológico, + - verbo) + - gênero + - sinônimo + - variantes + - fontes + - áreas + - subáreas + definição + fonte + - contexto + - fonte + - remissivas + - equivalentes + - fontes

Em LSB, por exemplo, o verbete deve conter estruturas que possibilitem ao consulente a compreensão conceitual e estrutural do sinal-termo. Dentre as pesquisas analisadas, podemos destacar o verbete bilíngue elaborado por Felten (2016, p. 123), que apresenta a seguinte microestrutura:

⁵ Entendemos mídias em formato digital como formas de arquivo em DVD, pendrive, blu-ray etc.

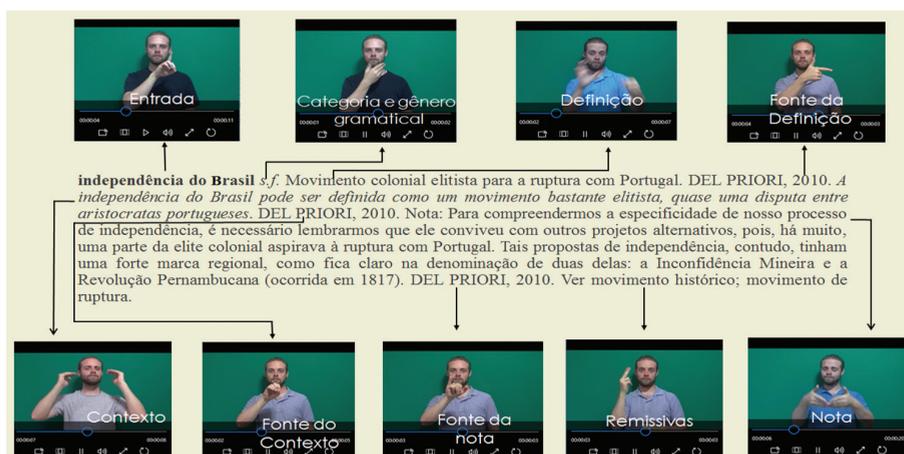


Figura 1 – Estrutura do verbete do Glossário Sistemico Bilíngue – Termos da História do Brasil
Fonte: FELTEN (2016, p. 123)

O verbete acima apresenta sua estrutura tanto em LO quanto em LSB:

Verbetes = + entrada + categoria gramatical + definição + fonte da definição + contexto + fonte do contexto + - nota + - fonte da nota + - remissivas

Entre as pesquisas científicas analisadas, o trabalho de Felten (2016) mostra ser o primeiro a registrar o verbete de maneira bilíngue, ou seja, com os verbetes completos tanto em LP quanto em LSB. Essa estrutura é resultado de pesquisas que o autor realizou na Terminografia da LSB. No entanto, é preciso destacar que a proposta de organização em questão ainda está em processo de verificação, quer dizer, a validação da estrutura já ocorreu, contudo a educação lexicográfica experimenta seus passos iniciais nos dias atuais. Além disso, há ainda uma busca, por parte dos pesquisadores da área, por orientações específicas acerca do registro e da organização de glossários bilíngues nas áreas de Terminografia e Lexicografia em LS.

A Terminografia é a área responsável pelo estudo e pela elaboração de glossários, léxicos, e dicionários especializados de uma determinada área. Com isso, a partir dos estudos da Terminografia, foi possível organizar obras terminográficas monolíngues, bilíngues ou semibíngues.

O glossário bilíngue tem, por finalidade, a descrição de dois termos. Estes são normalmente grafados em línguas distintas, sendo uma língua fonte ou língua de partida e a outra língua alvo ou língua de chegada. Para Faulstich (2010), registrar duas línguas em uma obra não a torna bilíngue, porque, “[...] não é somente a presença de duas línguas que torna um dicionário bilíngue, mas principalmente o motivo pelo qual as duas línguas são postas em contato” (FAULSTICH, *ibidem*, p. 175).

Nesta pesquisa, a proposta de apresentar uma microestrutura e uma macroestrutura para a elaboração de glossários e dicionários bilíngues resulta de uma efetiva atuação da Terminologia como política linguística que deve ser implantada nos materiais produzidos para usuários de língua de sinais como primeira ou segunda língua e que auxiliem no processo de compreensão e significação de conceitos da língua de sinais e da LP. À vista disso, é necessário um planejamento linguístico das obras lexicográficas e terminográficas na perspectiva bilíngue, ou seja, a primeira língua – L1 – é a LSB, língua de comunicação e uso da comunidade surda, e segunda língua – L2 – é a LP, língua de registro escrito garantido pela Lei 10.436/2002.

Assim sendo, o motivo pelo qual esta pesquisa registra as estruturas de maneira distinta advém da possibilidade de proporcionar ao usuário informações tanto na língua de comunicação (L1) como na língua de registro (L2).

Faulstich (2010, p. 174) apresenta a estrutura de um dicionário bilíngue em que uma das línguas é a LS. Veja a seguir:

L1 → L2, como Libras → Português
 L2 → L1, como Português → Libras

Segundo Felten (2016) e Tuxi (2017) essa mesma estrutura deve ser considerada como modelo na constituição de glossários bilíngues, em que uma das línguas é a LS. Portanto é possível inferir que:

1. os glossários possuem dois sistemas linguísticos, assim como dois sistemas terminológicos – o que significa que a língua fonte para os surdos é a língua de sinais (L1) e a língua alvo, o português (L2);

2. a ordem de apresentação na obra representa uma questão de ordem política, visto que o reconhecimento da LS como L1 deveria sempre ser o requisito básico de registro e organização de obras bilíngues destinadas aos surdos.

Isto posto, na proposta de glossário que será apresentada neste artigo, a LSB precede a LP, pois pretendemos priorizar o contato inicial do consulente com o verbete em LSB para, em seguida, por meio de um ícone, acessar o verbete em português como segunda língua. Desta feita, a obra apresentará as duas línguas de maneira concomitante, no tocante ao registro, contudo, a LS precederá a LP.

Em decorrência dessa diversidade linguística, surge uma série de dúvidas quanto à forma de registro e à organização de obras lexicográficas bilíngues em que uma das línguas é a LS. Entre essas, podemos destacar: i) há regras de formação e organização das obras lexicográficas e terminográficas em LS? ii) há uma forma de organização para cada língua? iii) a constituição da definição em LS é uma tradução do português para a LS? iv) a forma impressa é o melhor tipo de material a ser utilizado para um dicionário bilíngue? e vii) é possível organizar as duas línguas em um mesmo glossário?

No intuito de buscar respostas para as questões supracitadas, avaliamos três obras lexicográficas com o objetivo de verificar como ocorre o registro e a organização dos verbetes em obras bilíngues. Ademais, desejamos obter padrões materiais de análise alusivas à estrutura linguística adotada em glossários, na qual uma das línguas em questão é a LS. Para tanto, optamos por utilizar o roteiro de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185) para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos. Contudo, é preciso destacar que a LS não esgota todos os pontos mencionados nesta proposta, ou seja, a microestrutura.

Vale ressaltar também que o roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos foi elaborado pela equipe do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm) da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Doutora Enilde Faulstich em 1998.

No intuito de avaliar algumas obras em língua de sinais, fizemos a opção por organizar as respostas com breves alterações relativas ao roteiro de Faulstich

(1998) em vista da natureza dos dicionários da Libras. Para atingir o objetivo do presente estudo, selecionamos obras brasileiras e estrangeiras tanto no formato impresso como em mídia digital e em plataforma virtual, que têm ampla divulgação nas comunidades de usuários de LSB.

Roteiro para avaliação de dicionários de língua comum e de dicionários ou glossários científicos e técnicos

(Fonte: FAULSTICH, 1998, p. 234; 2011, p.183-185)

Obra 1

Título: Dicionário Ilustrado de Libras

Autora: Flávia Brandão

Editora: Global Editora

Edição: 1ª edição

Data: 2011

Local de publicação: São Paulo

Volume(s): 1

Epígrafe: O dicionário foi desenvolvido com o objetivo de contribuir para o conhecimento dos significados dos sinais que compõem a Libras, bem como de orientar a execução dos movimentos que são a base dessa língua gestual.

1. Sobre a autora

Flávia Brandão, formada em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em 1986, despertou para a causa dos deficientes auditivos quando se deparou com uma perda auditiva do seu ouvido esquerdo. A partir de então, seu empenho tornou-se cada vez maior na área. Exemplo disso foi o convite da então primeira dama do Estado de São Paulo, a Sra. Lilia Covas, em 1995, para elaborar e coordenar um projeto voltado ao atendimento de pessoas com deficiência na Estação Especial da Lapa. Nessa oportunidade, ela teve contato com pessoas privadas de condições físicas, sensoriais e intelectuais, logo, a partir desse envolvimento, obteve conhecimento – bagagem cultural e social – para a produção do seu dicionário. É reconhecida na área da dicionarística desde 2002 quando lançou seu primeiro dicionário de Libras pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o Dicionário de Libras

Ilustrado, em CD-ROM, com 60 mil exemplares distribuídos em todo país. Esse trabalho foi certificado pela Fundação do Banco do Brasil, pela Unesco e pela Petrobrás. Seu primeiro dicionário obteve reconhecimento internacional pelo *Consejo Iberoamericano em Honor Calidad Educativa*, composto de 13 universidades da América Latina e da Europa, recebendo os títulos de *Doctor Honoris Causa* e *Honorable Educador Iberoamericano*. Não há informação sobre a profissão que exercia na época da publicação da obra.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

O dicionário foi elaborado para promover um fácil aprendizado, de maneira prática e direta, da Libras. Por isso, fotografias, ilustrações e textos explicativos são recursos amplamente utilizados nesse material. A obra apresenta 3.212 sinais acompanhados por seu significado em português, seguido da explicação do movimento. A maior parte deles apresenta uma ilustração que procura demonstrar o significado mais relevante para o verbete consultado, ao tempo em que orienta seu sentido – dada a necessidade de clarificar as singularidades existentes nos homônimos da LP. O dicionário pode ser consultado por todos os públicos. Vale notar que algumas de suas expressões são de conteúdo adulto. Nesses casos, os verbetes e suas respectivas ilustrações são apresentados de maneira apenas didática, sem comprometer, porém, seu entendimento. Há ainda duas páginas de destaque que apresentam as informações sobre a estrutura do verbete, ou seja, como deve ser consultado.

2.1. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim, o dicionário apresenta a bibliografia indicada abaixo:

BRANDÃO, F. *Dicionário de Libras Ilustrado*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002, CD-ROM.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, v. 2.

DICIONÁRIO de Libras. Disponível em: <www.acesobrasil.org.br/libras/>. Acesso em: 27 mai. 2011.

ENCYCLOPAEDIA Britânica do Brasil. Nova Barsa CD. São Paulo: Encyclopaedia Britânica do Brasil Publicações Ltda., 1998. CD-ROM.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHAELIS. *Dicionário Moderno da Língua Portuguesa*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/michaelis>>. Acesso em: 27 mai. 2011.

3. Sobre a apresentação material da obra

A obra apresenta prefácio com as informações já listadas nos campos 1 e 2 do roteiro de avaliação. Na formação do verbete, são utilizados quatro tipos de letras. Na entrada, o uso é de caixa alta marcada em negrito. A descrição do movimento se dá em letra pequena e com a redação em letra minúscula. A definição também é feita em letra minúscula marcada em itálico. Há, no material, um quarto elemento que a autora chama de Sinal igual. Este indica outras palavras que podem ser representadas como o mesmo sinal da entrada. Essas palavras estão em caixa alta simples. As ilustrações foram desenhadas e representam o significado do sinal apresentado. Os desenhos estão em preto e branco.

Os verbetes, por sua vez, são apresentados em ordem alfabética e, apesar de a publicação não se autoconceituar assim, o conjunto do conteúdo representa uma obra semibílingue, dado que o dicionário apresenta o sinal em LSB, assim como a respectiva descrição do movimento. As demais informações – definição e palavras no rodapé – são grafadas em português. A publicação se configura como uma obra pesada, visto que contém 712 páginas – esse volume demasiado grande não facilita o seu manuseio. Apesar de ser um dicionário em Libras, não apresenta suporte informatizado. Por fim, o material tem um acabamento bonito, com capa colorida, e está à venda em grandes livrarias do Brasil.

4. Sobre o conteúdo

As entradas são palavras de uso da língua comum e não há entradas destinadas a áreas de especialidade. Os verbetes apresentam definição constituída de uma frase. A seguir, a estrutura do verbete:

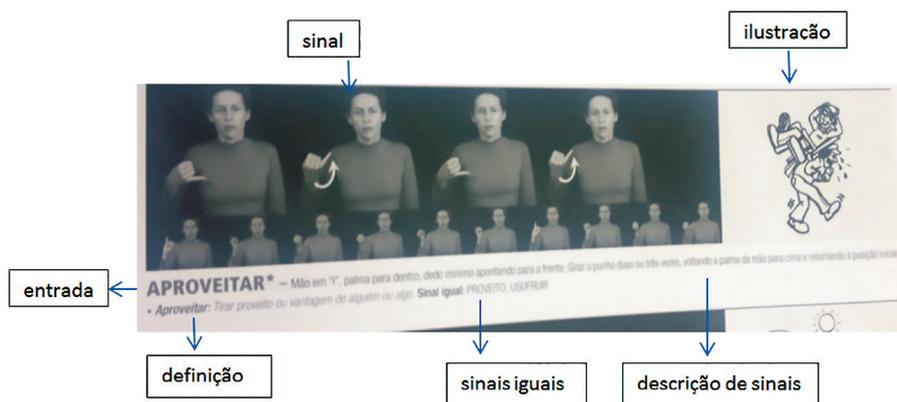


Figura 2 – Verbetes do Dicionário Ilustrado de Libras
 Fonte: BRANDÃO (2011)

3.1. Os verbetes apresentam:

3.2. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

3.3. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

A definição é constituída de frase, sendo essa estruturada para o consulente que tem a LP como segunda língua.

4. Sobre a edição e a publicação

4.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

4.2. Quais os principais pontos de difusão da obra?

É uma obra que traz uma estrutura até então não apresentada em outros dicionários. A forma de descrever o sinal pela imagem é um aspecto que auxilia nos estudos da morfologia, da fonologia e da análise dos parâmetros.

Além da análise baseada no roteiro de avaliação de Faulstich (1998, p. 234; 2011, p.183-185), utilizamos também o formulário para análise de repertórios léxico-terminográficos de Faria-Nascimento (2009, p. 154 e Anexo VIII). O uso dessa ferramenta de avaliação se justifica pela diversidade dos tipos de registro e organização de obras lexicográficas e terminográficas em LSB. Destinamos esse formulário para avaliação de obras digitais, ou seja, sem edição impressa.

O formulário para análise geral de repertórios com LS tem uma estrutura, segundo Faria-Nascimento (2009, p. 154) baseada em: a) o roteiro de Faulstich – que utilizamos acima; b) a pesquisa iconográfica de Sofiato (2005); c) os princípios e critérios norteadores da avaliação de dicionários do MEC/PNLD/2007 e as fichas de avaliação de dicionários 1, 2 e 3 também do MEC/PNLD/2007. Aos dois últimos documentos, a autora indica ter tido acesso pelo trabalho de Gomes (2007⁶).

O formulário para análise geral de repertórios com LS sintetiza oito itens: o código do repertório, o número de línguas do repertório, a língua de entrada, a presença ou ausência de definição, o tipo de ordenação das entradas (onomasiológica ou semasiológica), o tipo de índice, a forma de representação da LS, as observações ou comentário geral a respeito da obra. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 154).

As partes que compõem o formulário têm o objetivo de analisar as características que a LS pode apresentar de maneira distinta do registro feito em LP. Portanto a autora objetivou registrar os oito aspectos que devem estar presentes no processo de elaboração de repertórios lexicográficos de LS. Abaixo, apresentamos uma avaliação de um glossário virtual, feita com base na ficha.

Após o percurso investigativo dessa pesquisa, foi possível registrar a existência de dicionários, glossários, vocabulários e léxicos especializados em língua de sinais que reproduzem listas de palavras traduzidas de uma língua para a outra, sem maiores aspectos conceituais, ou mesmo, sem a requerida estrutura entre as línguas. Em suma, há uma lacuna na forma de organização e de registro do léxico – ou do termo – quando inseridos em obras típicas do tema examinado nesta tese –, pois, embora haja a possibilidade da aplicação das técnicas lexicográficas e terminográficas nas línguas de sinais, as LS ainda são grafadas e registradas como uma língua oral.

Contudo no caso do glossário desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – a estrutura é a que está mais próxima de apresentar um material terminográfico e inclusive registra os termos utilizando o sistema de escrita de sinais SignWriting, que permite a busca em LS e não apenas pelo português.

⁶ GOMES, Patrícia Vieira Nunes. *O processo de aquisição lexical na infância e a metalexigrafia do Dicionário Escolar*. Brasília, 2007. F.Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras Universidade de Brasília, IL/UnB.

Desta feita, vale mais uma vez ressaltar o apontamento de Faulstich que diz: “um lexicógrafo que deseje elaborar materiais em Libras deverá fundamentar a teoria lexicográfica em concepções linguísticas que não sejam as mesmas para os usuários ouvintes, porque, acima de tudo, o ensino e a aprendizagem da(s) língua(s) se dá de maneira diferenciada” (FAULSTICH, 2007, p. 155). Entendemos essa necessidade, bem como a de urgência na formação de profissionais linguistas usuários de LSB como primeira língua, a fim de promoverem pesquisas na área de Léxico e Terminologia, junto a profissionais não-surdos também especialistas na área.

Reconhecendo a possibilidade de ser ainda um projeto piloto, no próximo tópico apresentamos o que acreditamos ser uma proposta de macroestrutura e microestrutura de um glossário bilíngue.

3. Apresentação da macroestrutura do glossário bilíngue de sinais-termo

A macroestrutura apresentada faz parte da tese desenvolvida por Tuxi(2017). A autora apresenta uma proposta de Glossário Bilíngue de Sinais-Termo Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico da Universidade de Brasília. Segundo Faulstich (1998, p.3) “A macroestrutura é também chamada de paralexigrafia, porque compõe o aparato de ordenação do texto”. As ordenações do glossário com as informações da macroestrutura são apresentadas para o consulente por meio de lâminas, conforme podemos observar na Figura 3. Na primeira lâmina, aparecem em LS e em LP o título do glossário e a logo⁷.



Figura 3 – Lâmina com Apresentação do Glossário em LSB e LP

Fonte: Tuxi (2017, p. 154)

⁷ Logo adotada pelo Grupo de Pesquisa do Laboratório de Linguística de Língua Brasileira de Sinais - LabLibras, desenvolvida pelo designer Fábio Sellani. Destacamos que a logo representa os Glossários de Sinais-Termo desenvolvidos no laboratório de LSB da Universidade de Brasília.

A macroestrutura do glossário proposto, conforme observamos na Figura 4, apresenta informações sobre a estrutura de elaboração e uso do glossário. A primeira informação é o objetivo, que consiste em disponibilizar um glossário bilíngue de sinais-termo e termos da área técnica e administrativa do neio acadêmico da Universidade de Brasília. A segunda informação se refere ao público-alvo, no caso prioritariamente os discentes surdos da UnB, e em segundo plano, docentes surdos e não-surdos e técnicos em assuntos educacionais e administrativos bilíngues da universidade.

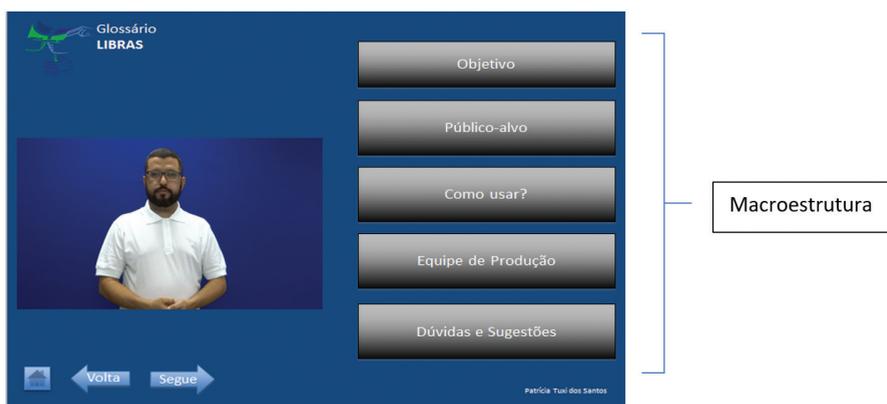


Figura 4 – Apresentação da macroestrutura do glossário

Fonte: TUXI (2017, p. 156)

A Figura 5 ilustra como usar o glossário. O sistema tem três formas de busca: i) em LS, pela Configuração de Mãos – CM – do sistema de escrita SignWriting – SW; ii) em LP, pela ordem alfabética e iii) pelos Tópicos do Guia do Calouro.



Figura 5 – Opções de sistema de busca

Fonte: TUXI (2017, p.156)

O primeiro sistema de busca foi organizado pelo registro e pela organização fonológica. Seguimos a proposta de Configuração de Mãos – CM –, de acordo com os dez grupos do Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais – ISWA –, que representam as formas das mãos propostas pelos Grupos de Configuração. Os grupos, dez ao todo, seguem a Sequência-de-Símbolos que, segundo Stumpf, Oliveira e Miranda (2014, p. 183) “é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting”. Portanto utilizamos essa ordem na pesquisa para organizar e registrar os sinais-termo. O consulente pode escolher uma das CM e clicar no número que aparece abaixo. Uma nova tela se abre e aparecem os sinais-termo. Em seguida, o sistema de busca pelo Grupo de CM, como podemos observar na Figura 6 a seguir.

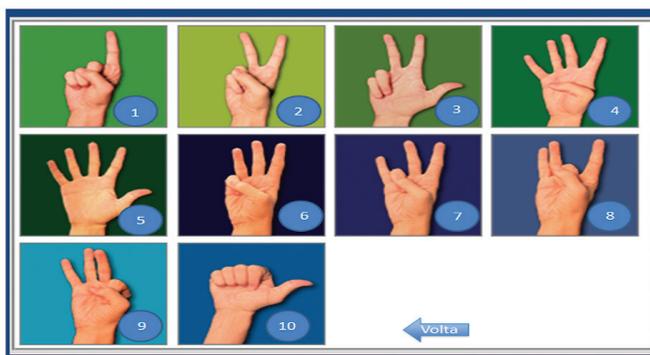


Figura 6 – Grupo de Configuração de Mãos baseado na Sequência-de-Símbolos em SW

Fonte: ADAPT STUMPF, OLIVEIRA e MIRANDA (2014)

Contudo, a pesquisadora Tuxi (2017) durante a organização e registro do Glossário se deparou no Grupo 5 com número considerável de sinais-termo com a mesma configuração, o que a fez pensar se categorizar apenas pelo Grupo de Configurações seria suficiente. Assim, pensando na possibilidade de ampliação futura dos sinais-termos pesquisados, a autora elaborou uma ficha de Análise dos Sinais-Termo com várias informações que auxiliam no registro e na organização do sinal-termo em obras lexicográficas e terminográficas, de acordo com a Figura 7.

ANÁLISE DOS SINAIS-TERMO			
Sinal-termo ALUNO ESPECIAL 		Análise: O sinal-termo aluno especial é uma composição, pois é constituído do sinal ALUNO + NÃO REAL. Sua marca conceitual que registra o aluno especial, que é aquele sem vínculo com a instituição é marcado com o morfema- boca, a expressão não manual e o balançar da cabeça configurando uma negativa.	
SINAL INICIAL BASE			
Grupo CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Local	Sinal
			
CM mão direita	CM mão esquerda		
			
CM mão direita	CM mão esquerda		
			
SINAL COMPOSIÇÃO			
Grupo CM mão direita	Grupo CM mão esquerda	Localização do sinal	Sign Writing
			
CM mão direita	CM mão esquerda		
			
CM mão direita	CM mão esquerda		
			

Figura 7 – Ficha de Análise dos Sinais-Termo

Fonte: TUXI (2017, p. 157)

O próximo sistema de busca é por ordem alfabética, conforme apresentamos na Figura 8. Basta o consulente clicar na letra que deseja e aparecem todos os sinais-termo escritos com a letra selecionada.



Figura 8 – Sistema de busca por ordem alfabética

Fonte: TUXI (2017, p. 159)

O último sistema de busca é pela estrutura de tópicos relacionados ao campo semântico, que no caso é o Guia do Calouro da Universidade de Brasília. Para tanto foram desenvolvidas 22 lâminas com os tópicos do guia. Não se configura como um campo semântico, mas sim como uma estrutura por proximidade conceitual. Observamos a Figura 9, a seguir.



Figura 9 – Sistema de busca pelo Guia do Calouro 2/2016 da UnB

Fonte: TUXI (2017, p. 160)

Nessa lâmina, o ator-surdo explica, em LS, que os tópicos apresentados são: i) Estrutura Administrativa e Acadêmica da UnB e ii) Ensino, Pesquisa e Extensão. Na primeira, aparecem conselhos superiores, unidades acadêmicas e órgãos complementares e centros, e na segunda, em primeiro plano, aparece o termo universidade que contém 25 termos. A estrutura utiliza tópicos como forma de auxiliar o consulente a perceber os termos pelo tipo de organização hierárquica do meio acadêmico. O consulente, ao clicar nas abas dos termos, abre uma nova janela, com o sinal-termo e os elementos de composição do verbete. Além do sistema de busca pelos três caminhos já citados, há outra forma de marcação com o objetivo de melhorar a visualização pelo consulente. Ao lado de cada janela, para acessar a busca, há círculos coloridos que indicam também a qual tipo de busca a lâmina se refere, ou seja, se a lâmina é da busca pela CM, pela ordem alfabética ou pelo tópico do GC.



Figura 10 – Indicações por cores dos tipos de busca

Fonte: TUXI (2017, p. 162)

Finalizada, assim, a apresentação da macroestrutura. Na próxima seção apresentamos a microestrutura.

4. Apresentação da microestrutura do glossário bilíngue de sinais-termo

A parte interna do glossário, ou seja, o verbete que constitui a obra, é a microestrutura. Para Faulstich (1995, p.23) é “onde ocorre a organização dos dados”. Portanto, entendemos a microestrutura como um conjunto de informações baseadas no registro e organização das Fichas Terminológicas. No verbete a seguir (Figura 11), os campos foram organizados para um consulente que tem o português como segunda língua, por isso a estrutura do verbete tem a quantidade de campos reduzida em relação ao modelo original de Faulstich (2001, 2010, 2011).

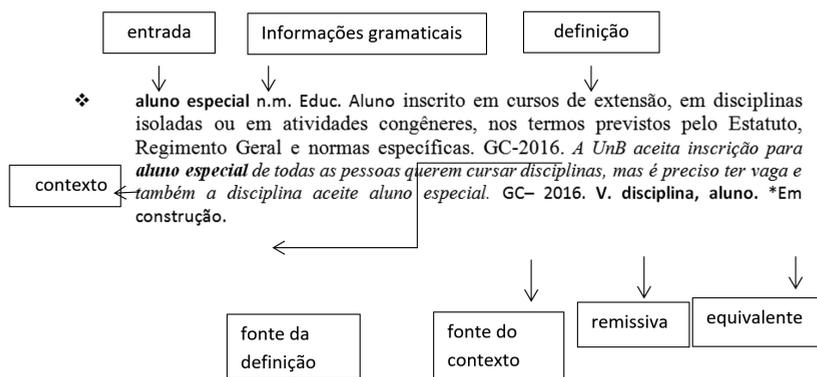


Figura 11 – Verbetes do termo Aluno Especial

Fonte: TUXI (2017, p. 165)

Organizar o verbete em Língua de Sinais Brasileira foi uma tarefa que exigiu da autora Patrícia Tuxi (2017) o tempo de um ano e meio para chegar à estrutura que será apresentada na Figura 12. Nesse período, foram decididas as cores das blusas para a gravação e a diferença entre os verbetes do contexto do glossário e os de sinais-termo das localizações da UnB. A forma de apresentação foi um processo que precisou ainda de cinco meses para a validação da LSB com a equipe e com especialistas surdos e não surdos. O motivo das diversas cores das camisas exige explicitação.



Figura 12 – Explicação dos verbetes por cor

Fonte: TUXI (2017, p. 166)

Cada cor de camisa tem uma função na constituição do verbete e da macroestrutura e da microestrutura. Assim, há quatro cores para a constituição do verbete. Observamos a Figura 13:



Figura 13 – Verbetes em LSB

Fonte: TUXI (2017, p 166)

Na lâmina em LSB, a blusa preta é usada no registro da entrada do verbete, a blusa de cor verde é usada no registro da definição; a blusa amarela é usada no registro do contexto, a blusa de cor vermelha é usada no registro de variante, quando houver. Abaixo da entrada, aparece a representação da escrita em LP e em LSB pelo SignWriting. Ao clicar no nome em português, o consulente é dirigido para a lista de termos em LP.

Recordamos que os círculos das cores verde, azul e vermelho, postos no fim do verbete, correspondem respectivamente às possibilidades de busca. Portanto, se o consulente iniciar pela CM ou pela ordem alfabética ou pelo tópico do GC, a forma de apresentação do verbete será a mesma. Conforme demonstramos na Figura 14.



Figura 14 – Forma integrada de sistema de busca pelas cores
 Fonte: TUXI (2017, p.167)

5. Considerações finais

O sinal-termo é uma entidade com características do termo da linguagem especializada da Língua de Sinais Brasileira. Denota conceitos e representações linguísticas tal qual o termo nas línguas orais, pois detém os aspectos e as estruturas de conteúdo específico, que dizem respeito às peculiaridades próprias de cada área especializada.

Neste trabalho apresentamos uma proposta de macroestrutura e microestrutura para elaboração de dicionários, glossários e vocabulários bilíngues, Língua Portuguesa – LP e Língua de Sinais Brasileira – LSB.

Apresentamos uma proposta de registro, bem como de organização de glossário nas duas línguas de modalidades diferentes, com vistas a elaborar um glossário bilíngue que atenda o usuário de LS, principalmente o de primeira língua – L1.

O desenvolvimento desta pesquisa mostrou o uso imprescindível de tecnologias associadas à linguagem. Os sinais-termo foram gravados e salvos por meio de programas de computador comuns, porque não obtivemos êxito em criar um programa específico; esta é uma área que precisa de mais tempo para ser estudada.

Acreditamos que esta pesquisa contribua com a área de Terminografia e Lexicografia da LSB, no que se refere à criação, ao registro e à organização de verbetes em obras bilíngues. Desejamos que a proposta apresentada auxilie no desenvolvimento de novos repertórios terminológicos em LSB.

Esperamos que os estudos desenvolvidos nesta pesquisa sejam um estímulo para novas propostas de ensino e de aprendizagem das duas línguas contempladas nas leis de educação de surdos nos mais diversos níveis de escolaridade. Acreditamos, ainda, ser a primeira proposta bilíngue como modelo de glossário bilíngue e, portanto, um marco inicial de uma área que ainda está em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

FAULSTICH, E. Redes de remissivas em um glossário técnico. In: *Léxico e Terminologia* (Coletânea de Textos). Universidade de Brasília, 1993, p. 174-184.

_____. Socioterminologia, mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*. Brasília, v. 24, n. 3, p. 281-288, 1995.

_____. *Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação*. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação* (artigos), [S.l.: s.n.], v. 24, n. 3, 1995b.

_____. Da linguística histórica à terminologia. *Investigações* (UFPE. Impresso), Recife, v. 7, p. 71-101, 1997.

_____. *Proposta metodológica para a elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília: 2001. LIV/UnB/ Centro LexTerm, 2001.

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. In: SALLES, H. M. M. Lima Oorg.) *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. cap. 6. GO: Cãnone, 2007, p.119-142.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. de M. de A. et all (Orgs.). *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vida* – homenagem a Socorro Araújo. São Luís, MA: EDUFMA, 2010. p. 166 – 185.

_____. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*, Porto Alegre, 2011, v. 25, n. 50, p. 181-220.

_____. *Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa* – MEC/SECADI – 2014.

_____. Nota lexical (2012). Disponível em: <<http://www.centrolexterm.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2015.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações lexicais da Língua de Sinais Brasileira*. Uma proposta lexicográfica. Brasília, 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

FELTEN, E. F. *Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história*. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOFIATO, C. G. *O desafio da representação pictórica da Língua de Sinais Brasileira*. Campinas, 2005. 114 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

STUMPF, M. R.; OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, R. D. Glossário Letras Libras: a trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: *Letras Libras: ontem, hoje e amanhã*. QUADROS, R. M. (Org.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

TUXI, P. A terminologia na Língua de Sinais Brasileira: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

